

Entre a autonomia e a dependência: o narrador das *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto

*Felipe Martins da Silva*⁴¹

Resumo: Ao deparar com a fortuna crítica da obra de Lima Barreto, podemos observar que a maioria dos estudiosos toma como ponto de partida, para a compreensão das *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), a biografia ou o projeto literário do escritor. Lima Barreto defendia que a literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Transmitir com sinceridade o sentimento e as ideias do escritor, além de dar destaque aos problemas humanos e sociais a fim de contribuir para a libertação da raça humana e para a melhora de sua convivência. Embora a inspiração na efetividade do real e os ideais do autor estejam presentes nas *Recordações*, compreendemos, baseados nas teorias de Theodor Adorno, que os elementos empíricos são mediados no momento da escrita, dando a ela características que podem fugir às intenções declaradas pelo escritor. Sendo assim, embora a narrativa de Isaías Caminha traga em si o projeto literário de Lima Barreto, uma vez que denuncia o racismo, a marginalização dos pobres e a ganância dos ricos na República Oligárquica, ao mesmo tempo se autoacusa, pois revela sua participação nas práticas sociais que pretende denunciar. O narrador procura opor-se às práticas sociais oriundas da escravidão, como a subalternidade clientelista e a marginalização e o preconceito, buscando superá-las, ao passo que, por vezes, serve-se delas, ou seja, embora busque a independência em relação a seus tutores, confronta-se com uma realidade material que o inviabiliza de ser completamente autônomo.

Palavras-chave: Lima Barreto; Cordialidade; Clientelismo; Subjetividade; Mediação.

Desde a crítica de Medeiros e Albuquerque em 1909, que definiu as *Recordações* como “arte interior” e “roman à clef”, a busca de correspondências entre a vida de Lima Barreto e Isaías Caminha tem direcionado incontáveis leituras do romance, sejam elas artigos de jornal ou científicos, prefácios ou orelhas de livros e outros tipos de escritos sobre o romance, o qual é frequentemente apontado como a obra mais autobiográfica do escritor, por

⁴¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação de Literatura Brasileira.

conter caricaturas de membros da imprensa carioca da época com quem Lima Barreto conviveu retratados de maneira satírica..

A má-recepção da obra levou o escritor a modificá-la ao lançar sua segunda edição em 1917, complementando-a com um duplo prefácio intitulado “Breve Notícia”, no qual Lima Barreto procura, com urgência, distinguir-se de Isaías, apresentando-se como editor e amigo do autor do romance. Apesar do esforço de Lima Barreto, sua obra só receberia novos olhares críticos após 1952, quando Francisco de Assis Barbosa apontou a necessidade de uma leitura da obra para além de seu drama íntimo.

Evidenciou-se, desde então, que Lima Barreto tinha um projeto literário cuja estruturação dependia de três eixos: a) a sinceridade do escritor, b) o uso de uma linguagem clara, capaz de estabelecer a comunicação entre os homens e c) a contribuição para a construção de uma sociedade solidária.

Essas concepções contribuem para a compreensão do romance, todavia, é necessário pesquisar as possíveis contradições e distanciamentos entre a proposta literária de Lima Barreto e a narração de Isaías Caminha, posto que, segundo Adorno⁴², há “antagonismos sociais não resolvidos” que “retornam à obra de arte como problemas imanentes à sua forma” que nos permitem acessar o conteúdo social sedimentado no objeto.

De maneira breve, podemos apontar ao menos duas características presentes na narrativa de Isaías Caminha que antagonizam com o projeto literário barreteano:

1- Embora o narrador negue as referências clássicas usadas na produção artística de seus contemporâneos, recorre à mitologia greco-latina em diversos momentos da narrativa, como, por exemplo, quando compara o poder do jornal com o dos titãs, capazes de derrotar os deuses.

Isso se dá pela necessidade do narrador de fazer-se ler. É impossível subverter completamente os métodos vigentes de escrita, sobretudo em uma obra engajada, que procura credibilizar-se e conquistar o leitor para sua causa. Isaías adota a linguagem necessária para se fazer crível, respeitável e convincente.

2 – Para além da questão da formulação estética, o narrador acaba por revelar sua inserção desde o nascimento no sistema clientelista. Ainda que no momento de enunciação o narrador se descreva como deslocado, confessa o caráter cordial⁴³ na dinâmica social em

⁴²ADORNO, Theodor. Adorno, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Martins Fontes, 1988.p.16

⁴³Segundo Sérgio Buarque de Holanda, o brasileiro recusa o formalismo e busca fundamentar suas relações em uma intimidade que prioriza o contato pessoal, em detrimento da regulamentação jurídica, que deve definir as

que esteve inserido até sua partida para o Rio de Janeiro:

O coronel esteve a pensar. Mirou-me de alto a baixo, finalmente falou:
— Você tem direito, Seu Valentim... É... Você trabalhou pelo Castro...
Aqui para nós: se ele está eleito, deve-o a mim e aos defuntos, e a você que desenterrou alguns. Riu-se muito, cheio de satisfação por ter repetido tão velha pilhéria e perguntou amavelmente em seguida:
— O que é que você quer que lhe peça?
— Vossa Senhoria podia dizer na carta que o Isaías ia ao Rio estudar, tendo já todos os preparatórios, e precisava, por ser pobre, que o doutor lhe arranjasse um emprego.
O coronel não se deteve, fez-nos sentar, mandou vir café e foi a um compartimento junto escrever a missiva.⁴⁴

A essa altura do romance, após Isaías decidir fazer seus estudos na capital, seu tio o leva até a residência do coronel Belmiro, a quem pede um emprego para o sobrinho junto ao deputado Castro. Como revelado no excerto, Valentim ajudou a eleger o legislador por meio de fraude eleitoral, prática bastante comum na República Oligárquica⁴⁵ para garantir a hegemonia de um grupo político sobre outro, configurando relações de poder clientelistas, onipresentes ao longo da República Velha.

Após a carta ser recusada pelo deputado Castro, a quem foi endereçada, Isaías passa pelas privações de um homem negro na Primeira República, mas volta a integrar-se por meio das relações pessoais, ao ser contratado na redação de *O Globo* por intermédio de um amigo jornalista. Ao descrever a redação, Isaías a define de forma pejorativa, como um antro de submissos:

Pelos longos anos em que estive na redação do O Globo, tive ocasião de verificar que o respeito, que a submissão dos subalternos ao diretor de um jornal só deve ter equivalente na administração turca. É de santo o que ele faz, é de sábio o que ele diz. Ninguém mais sábio e mais poderoso do que ele na Terra. Todos têm por ele um santo terror e medo de cair da sua graça, e isto dá-se desde o contínuo até o redator competente em literatura e coisas internacionais.⁴⁶

A cena revela um tipo de organização desigual, na qual o proprietário é tratado como se fosse uma divindade. “Santo e sábio”. O diretor-chefe encarna o autoritarismo e impõe sua

relações burocráticas, excludentes em relação a qualquer determinação pessoal. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.155.

⁴⁴BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.p. 20.

⁴⁵ COSTA. Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: UNESP, 2010, p.160.

⁴⁶ BARRETO, Lima, op.cit., p.70.

individualidade sobre todo o funcionamento do jornal. Os funcionários, por sua vez, assumem o papel de subalternos por medo, incluindo o próprio protagonista.

Se a questão racial apontada pelo narrador se confirma parcialmente no romance pelas situações de racismo rememoradas ao longo da obra, não pode esta ser apontada como o único motivo de sua desilusão. Ao passo que procura denunciar e se opor ao problema para superá-lo, desnuda sua própria imersão em uma realidade material que o inviabiliza de ser completamente autônomo, na qual a ascensão social se dá por meio das relações pessoais e não do desenvolvimento intelectual.

Além disso, a reposição da subalternidade de Isaías no ato de narrar acontece também em sua relação com o novo superior, o promotor da comarca. O referido doutor Graciliano visita sua casa e é indiretamente responsável pela escrita do romance, pois pertencia a ele a revista em que estava o artigo que inspirou Isaías a escrever. Sendo assim, as motivações do narrador parecem partir sempre de outrem e não de si próprio. Em outro momento, o narrador poupa apenas o chefe ao desdenhar da capacidade intelectual de seus parceiros de gabinete.

Em suma, a busca do narrador para se desvencilhar das práticas que condena não se cumpriu, pois Isaías estava inserido em uma dinâmica social na qual as possibilidades de ascensão dos membros das camadas populares eram restritas e condicionadas à dinâmica social do apadrinhamento dos poderosos. Desse modo, a trajetória de Isaías Caminha revela a manutenção das relações pessoais advindas do período colonial no funcionamento de nossas instituições, as quais seriam um dos entraves para a constituição de um Estado moderno.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Prismas: Crítica Cultural e Sociedade**. São Paulo: Editora Ática, 1998

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. São Paulo: EDUSP, 1998.

BARRETO, Lima. **Obras Completas**. Org. Francisco de Assis Barbosa, colaboração. Antônio Houaiss e Manuel Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ed Brasiliense, 1961, v. I.

_____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 2004.

BOSI, Alfredo. Figuras do Eu nas Recordações de Isaías Caminha. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: UNESP, 2010.

CUTI, Luiz Silva. **Retratos do Brasil: Lima Barreto**. São Paulo. Selo Negro, 2011.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LUKÁCS, George. **Ensaio Sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **Marxismo e Teoria da literatura**. São Paulo: Expressão popular, 2010.